

Rede de paisagens rurais na fronteira do Douro:
Um mapa estratégico da Meseta Ibérica

CATÁLOGO DE PAISAGEM DA UNIDADE DE ESTUDO

ATENOR



Outubro de 2018

FICHA TÉCNICA

Título: Catálogo de Paisagem da Unidade de Estudo: Atenor

Data e Local: Outubro de 2018, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal

Equipa

Produção Cartográfica,
Caracterização e Análise



Gustavo Silva, MSc.
Arquitetura Paisagista (gustavo.silva@utad.pt)



Fernando Macedo, MSc.
Arquitetura Paisagista (fernando.macedo@utad.pt)



Bruno Martins, PhD.
Arquitetura Paisagista (brunomartins@utad.pt)

Coordenação Científica



Domingos Lopes, PhD.
Arquitetura Paisagista. CITAB-UTAD (dlopes@utad.pt)

Coordenação Geral



Ricardo Bento, PhD.
Planeamento e Ordenamento do Território. CETRAD-UTAD (rbento@utad.pt)

“Este trabalho enquadra-se no projeto de I&D “Red de paisajes rurales en la frontera del Duero: Un mapa estratégico de la Meseta Ibérica” Programa operativo EP - INTERREG V A Espanha Portugal (POCTEP). Convocatória 1, Identificador: 0421_PAISAJE_IBERICO_2_E, financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa de Cooperação INTERREG V-A Espanha-Portugal 2014-2020 (POCTEP)”

Entidade líder do projeto:



Parceiros:



ÍNDICE

Atenor

Introdução	4
1. Paisagem Atual	5
Caracterização geral da Paisagem atual	6
Caracterização do uso do solo	13
Alterações no uso do solo	14
2. Elementos naturais que constituem a Paisagem	15
Geomorfologia	16
Hidrografia e Vegetação	17
Clima	18
3. Valores da Paisagem	19
Valores naturais e ecológicos	20
Valores culturais e patrimoniais	22
4. Evolução futura da Paisagem	33
Tendências de evolução a ter em conta	34
Que cenários futuros?	36
Referências bibliográficas e webgráficas	38

INTRODUÇÃO

Objetivos

Eram objetivos desta etapa do projeto caracterizar as paisagens das 6 aldeias que foram selecionadas como caso de estudo, antecipar cenários de alteração e possibilitar que as políticas de planeamento integrassem estes cenários de alteração.

Metodologia

O trabalho de campo foi intenso durante a fase de caracterização das 6 aldeias de estudo. A anotação do que se observava em cada saída de campo, a inquirição de habitantes e autoridades locais e a recolha de fotografias, faziam parte das atividades desenvolvidas.

Em gabinete procedeu-se à compilação de toda esta informação recolhida em campo, organizando a base de dados e permitindo que, posteriormente eles pudessem ser tratados e estatisticamente analisados. Procedeu-se ainda à compilação de estudos de caracterização das unidades de Paisagem de ambos os países, desenvolvidos à escala nacional/região.

Em gabinete foram feitos ainda análise de estudos caracterizadores de dinâmicas de mudança de territórios rurais, em especial dedicados a estas áreas da meseta Ibérica e/ou de da zona de Raia. Era objetivo desta etapa perceber quais as principais forças e tendências de mudança a que se sujeitam estas regiões.

Da síntese de toda a informação compilada, quer em trabalho de campo, quer em gabinete, foi então possível caracterizar a Paisagem atual dos locais de estudo.

Na etapa subsequente selecionaram-se fotografias caracterizadoras da paisagem atual em cada uma das 6 aldeias de estudo, e simularam-se Paisagens de futuro passíveis de serem encontradas, face à análise das forças de pressão a que os territórios estão sujeitos.

É, assim, objetivo deste trabalho antecipara definição de políticas territoriais podem ser implementadas no sentido de maximizar as tendências de evolução que favoreçam o Território e promovam a qualidade de vida de quem aqui vive e visita.

ATENOR

1	Paisagem atual	
2	Elementos naturais que constituem a Paisagem	
3	Valores da Paisagem	
4	Evolução futura da Paisagem	

A aldeia de Atenor, atualmente, pertence à União de Freguesias de Atenor e Sendim, estando integrada no concelho de Miranda do Douro, Distrito de Bragança. Segundo os Censos de 2011, ali residiam 121 pessoas (total da freguesia)¹. A Unidade de Estudo compreende mais outras 2 aldeias ou núcleos populacionais: Teixeira e Prado Gatão.

A impressão geral que se tem em Atenor é de uma bacia pouco extensa, bem proporcionada à escala do aglomerado habitacional, de terrenos bastante trabalhados, quase sempre separados por linhas de vegetação ou muros e ainda, nas encostas, verifica-se a existência de alguns com mato bem desenvolvido.

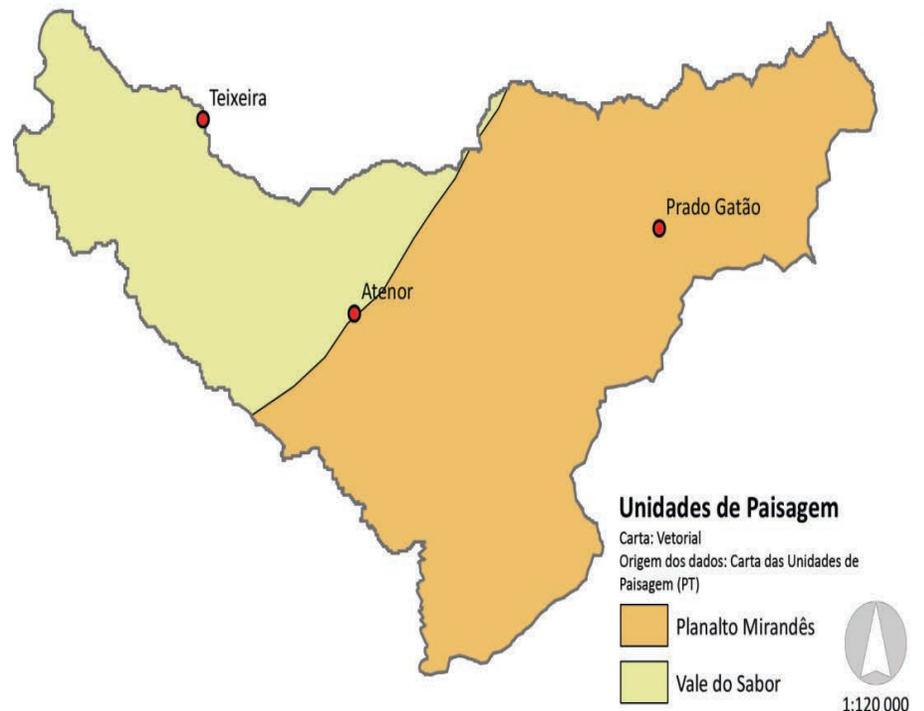
Apesar de se dispor ao longo de um vale, o ambiente sentido nesta bacia é relativamente seco. A exposição solar da bacia é muito boa e favorece a melhor contemplação possível de todos os seus pormenores.

A aldeia reparte-se em 3 aglomerados: um visivelmente mais primitivo e outros dois mais recentes ao longo dos sopés de duas pequenas encostas, bastante povoadas de terrenos agricultados ou bem mantidos. Ocasionalmente, pontuam nos terrenos em volta alguns pombais e picanços.²

Com o objetivo de fortalecer e melhor fundamentar a caracterização da Paisagem da Unidade de Estudo, percebeu-se como as Unidades de Paisagem de Portugal, estão caracterizadas por Cancela d’Abreu, Pinto Correia e Oliveira (2004) na obra de maior referência, na caracterização da Paisagem, em Portugal.

Assim, a Unidade de Estudo de Atenor está abrangida pelas seguintes Unidades de Paisagem:

- Unidade Planalto Mirandês
- Unidade Vale do Sabor



Foram resumidas em tabelas as características descritas na obras e após as visitas de campo à unidade (30 de janeiro a 2 de fevereiro de 2018 e 14 a 15 de junho de 2018), de acordo com o que se observou no terreno, a descrição das características foi adaptada à escala e realidade da Unidade de Estudo³. Para além disso, as obras contêm fotografias caracterizadoras de cada Unidade, junto das quais se juntam fotografias das situações observadas.

¹Câmara Municipal de Miranda do Douro. “Plano Diretor Municipal de Miranda do Douro – Relatório”. Gestão Integrada de Projetos e Planeamento. Outubro de 2014.

²Com base na visita de campo entre 30 de janeiro e 2 de fevereiro de 2018.

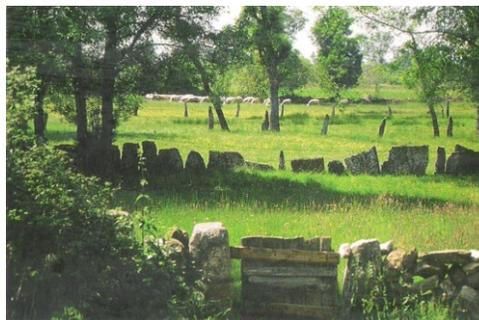
³Trata-se de uma avaliação pessoal que, naturalmente, é subjectiva e varia de pessoa para pessoa.

Unidade Planalto Mirandês:

Cancela d'Abreu, Pinto Correia e Oliveira, 2004	Observado, 2018
"Relevo plano ou ligeiramente ondulado."	"Relevo plano ou ligeiramente ondulado."
"Vistas largas e profundas."	"Vistas largas" mas pouco profundas.
"Compartimentação com muros de pedra solta muitas vezes acompanhados com alinhamentos de árvores."	"Compartimentação com muros de pedra solta muitas vezes acompanhados com alinhamentos de árvores."
"Os muros são grandes pedras na vertical com pequenas pedras a preencher os espaços entre elas."	"Os muros são grandes pedras na vertical com pequenas pedras a preencher os espaços entre elas."
"Vinha e pomar junto à aldeia."	Vinha, pomar e pastagens "junto à aldeia".
"Poucas áreas abandonadas."	"Poucas áreas agrícolas abandonadas."
"Povoamento concentrado com habitações recentes incaracterísticas e as tradicionais em mau estado."	Alguma dispersão de "habitações recentes incaracterísticas" e muitas habitações antigas abandonadas ou mesmo em ruínas.
"Centro da aldeia mal definido."	Centro da aldeia algo desqualificado.
"Caráter inóspito, desabrigado e sobretudo aberto."	Caráter relativamente abrigado mas algo aberto.



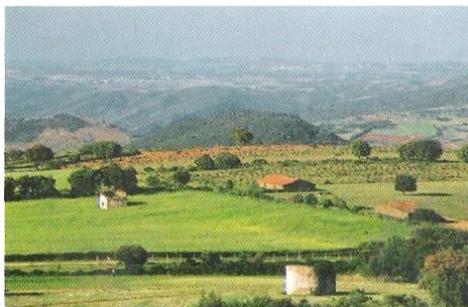
2



3



4



5



6

Cancela d'Abreu, Pinto Correia e Oliveira, 2004, p.161 a 163

7



A aldeia de Atenor, vista da estrada, disposta ao longo de uma pequena encosta, direção Noroeste (Atenor, janeiro de 2018)

8



Pequena veiga de campos agrícolas em Atenor, bem mantidos e aproveitados, direção Noroeste (Atenor, janeiro de 2018)

9



Pombal abandonado (Atenor, junho de 2018)

10



Picanço (Atenor, junho de 2018)

11



Pormenor de um muro característico de divisão de propriedade, em Atenor (Atenor, junho de 2018)

12



Vista sobre Atenor, direção Sudeste; nota-se um gradiente de desenvolvimento de matos para o lado Poente e um maior aproveitamento agrícola na parte central (Atenor, junho de 2018)

13



Vista aérea sobre Atenor, direção Este. É notório o maior desenvolvimento da vegetação nas encostas a Oeste e Sul. Aproveitamento agrícola no entorno do núcleo da aldeia numa amplitude de 180°.

14



Vista aérea sobre mosaico de culturas na pequena veiga, direção Nordeste. Poucas propriedades são divididas com recurso a muros ou linhas de árvores. Mosaico razoavelmente regular e com terrenos de pequena a média dimensão.

Unidade Vale do Sabor:

Cancela d'Abreu, Pinto Correia e Oliveira, 2004	Observado, 2018
<i>"Contraste entre colinas de perfil suave com uso sobretudo agrícola e mosaico diversificado e vales encaixados dos rios Sabor, Maçãs e Angueira com matos, eucaliptos e pinheiros e sistemas agrícolas nos sopés e aluviões".</i>	<i>"Colinas de perfil suave"</i> , distinguindo-se poucas áreas agrícolas. Áreas de mato bastante homogêneas com predomínio do sobreiro e carrasco.
<i>"Agricultura nos topos aplanados com culturas arvenses olival e vinha. Manchas de arvoredo e linhas de árvores nos limites de parcelas que são inferiores a 1ha".</i>	Usos agrícolas em alguns <i>"topos aplanados"</i> e linhas de árvores nos limites de parcelas.
<i>"Cristas quartzíticas da Contenda (832m) e Cabeço Ruivo (809m)".</i>	Castelo de Algozo a 9,2km e crista quartzítica da Contenda (832m) a 12,8km.
<i>"Elevada variedade de cores, texturas e padrões".</i>	<i>"Pouca variedade de cores"</i> e padrões.
<i>"Sensação de segura dos matos nas encostas".</i>	Mato bem desenvolvido, no entanto com uma certa <i>"sensação de segura"</i> .
<i>"Povoamento relativamente baixo estando as suas pequenas aldeias agrícolas descaracterizadas".</i>	Povoamento escasso.



15



16



17



18



19



20

Cancela d'Abreu, Pinto Correia e Oliveira, 2004, p.155 a 158

21



Junto ao Cemitério, vista para o Castelo de Algozo, direção Noroeste; maior desenvolvimento dos matos e terrenos agrícolas menos extensos (Atenor, janeiro de 2018)

22



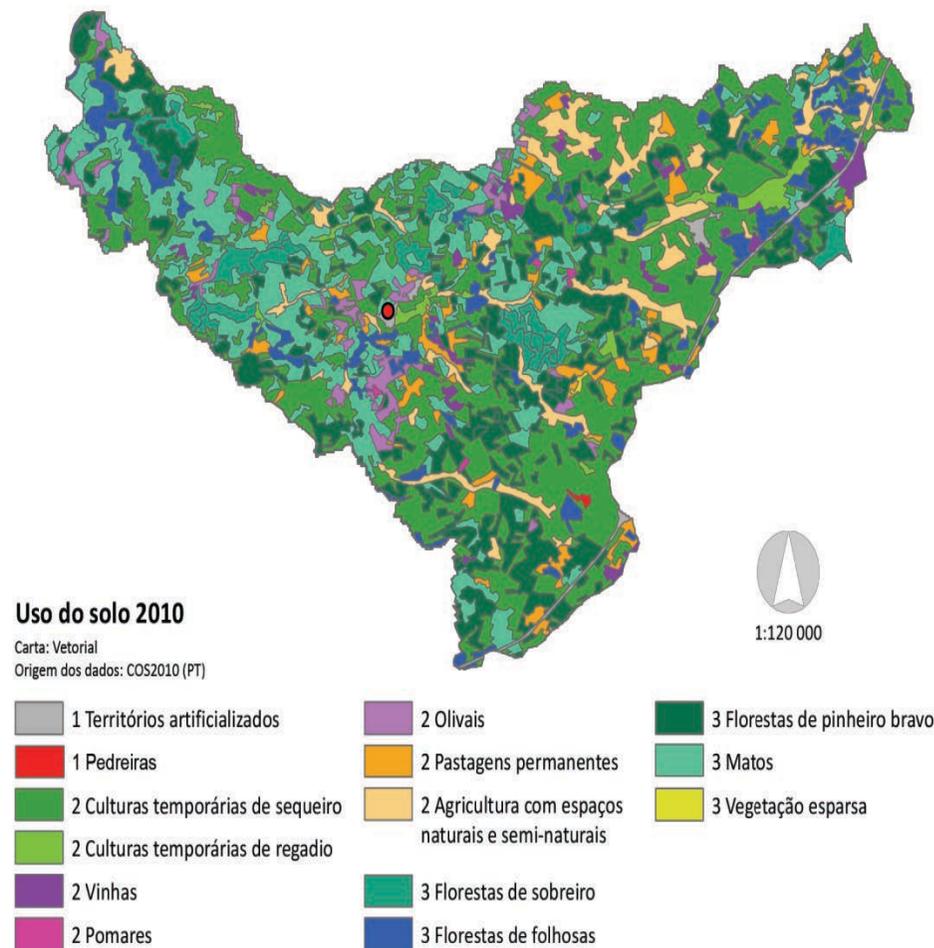
Vista aérea sobre a Paisagem a norte de Atenor. Da direita para esquerda, é perceptível a transição de um perfil terreno planáltico para um mais acidentado.

Segundo a Carta das Unidades de Paisagem de Cancela d'Abreu (2004), Atenor situa-se, precisamente, na transição paisagística entre o Planalto Mirandês e o Vale do Sabor, situação que foi verificada na visita de campo com a identificação de duas realidades paisagísticas distintas. Aquela correspondente ao Planalto Mirandês, onde o núcleo da aldeia se insere, com a maior parte das parcelas agricultadas, divididas caracteristicamente por muros e linhas de árvores. E a que corresponde, no mínimo, a uma clara transição para o Vale do Sabor, que é já possível avistar-se junto ao cemitério, onde a divisão de propriedade deixa de se notar pela maior continuidade e extensão das áreas de mato, aparecendo também distintamente recortado no horizonte a crista onde está o castelo de Algozo.

A ocupação do solo em Atenor é essencialmente caracterizada por extensas áreas com culturas temporárias de sequeiro, sobretudo a Este da aldeia, onde os declives são mais suaves, de vez em quando interrompidas por pastagens permanentes, por matos ou florestas de produção. A Oeste da aldeia, a predominância da cultura de sequeiro dá lugar aos matos.

Na proximidade da aldeia, por entre áreas de mato e diversas plantações de sobreiro, predominam áreas de olival e algumas vinhas.

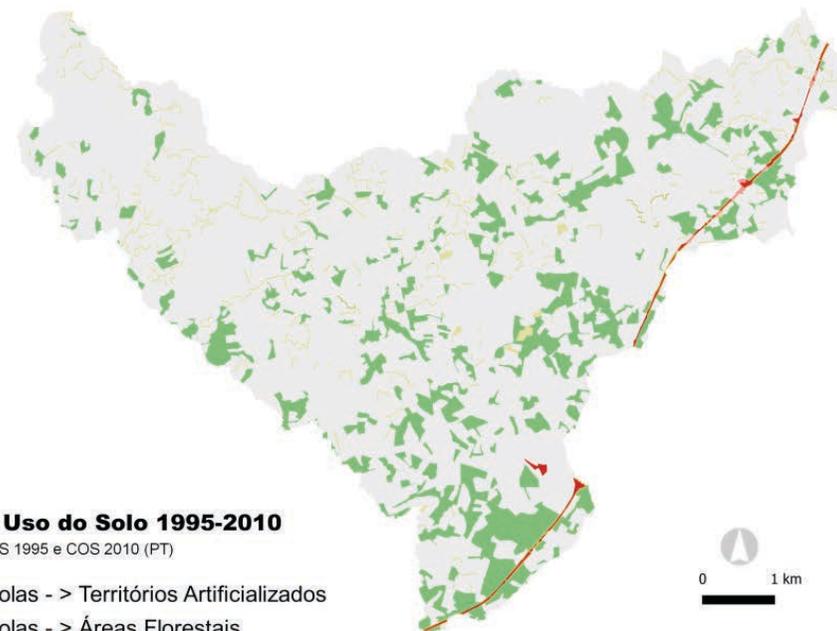
É por fim, um território com solo pouco artificializado, praticamente apenas pela própria aldeia, pelas aldeias de Prado Gatão e de Teixeira (esta já no limite norte da Unidade), por uma pedreira e pelo troço do IC5 na zona Este desta Unidade de Estudo.



Verifica-se que as alterações no uso do solo em Atenor, entre 1995 e 2010, se devem sobretudo à transformação de Áreas Agrícolas em Áreas Florestais. De facto e conforme se pode observar na figura, a grande alteração no uso do solo em Atenor deve-se à substituição da área agrícola pela área florestal.

Também são notórias as alterações de Áreas Agrícolas para Territórios Artificializados e de Áreas Florestais para Territórios Artificializados, na sequência da construção do troço do IP5.

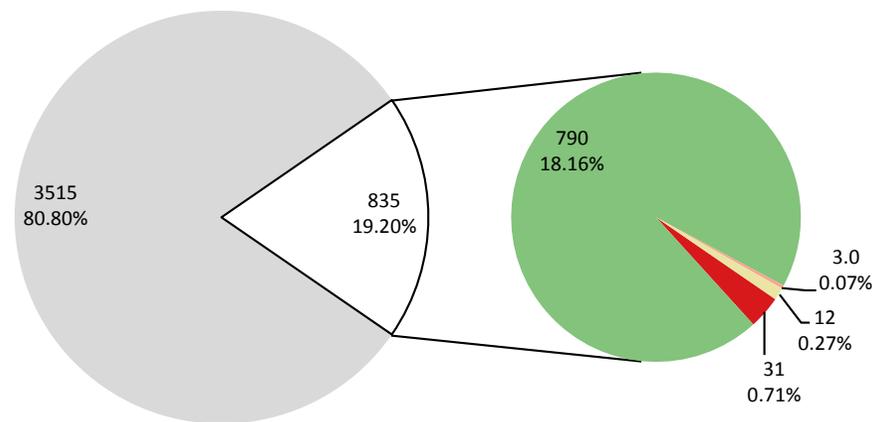
A bacia visual de Atenor, representativa de uma aldeia do Planalto Mirandês, sofreu grandes variações no uso de solo, logo na sua matriz da Paisagem, à semelhança do que aconteceu em todos os casos de estudo. Contudo, neste caso em concreto, a intensidade desta variação é ainda mais significativa. O facto de existir menos gente, logo menos mão de obra, levam a um abandono crescente do território e ao surgimento de áreas florestais. Não é certamente indissociável deste facto o estarmos no contexto do Planalto Mirandês, onde a dimensão das parcelas e a intensidade da agricultura é mais significativa do que na região raiana de Montanha. Iso significa que uma alteração no uso do solo, tem um impacto ainda mais marcante, da Paisagem (porque associado a parcelas de maior dimensão mas também porque o alcance visual destes



Alteração do Uso do Solo 1995-2010

Origem dos dados: COS 1995 e COS 2010 (PT)

- Áreas Agrícolas -> Territórios Artificializados
- Áreas Agrícolas -> Áreas Florestais
- Áreas Florestais -> Territórios Artificializados
- Áreas Florestais -> Áreas Agrícolas
- Sem Alteração



Alterações do uso do solo por tipo entre 1995- 2010 (ha e %)

ATENOR

1

Paisagem atual

2

Elementos naturais que constituem a Paisagem

3

Valores da Paisagem

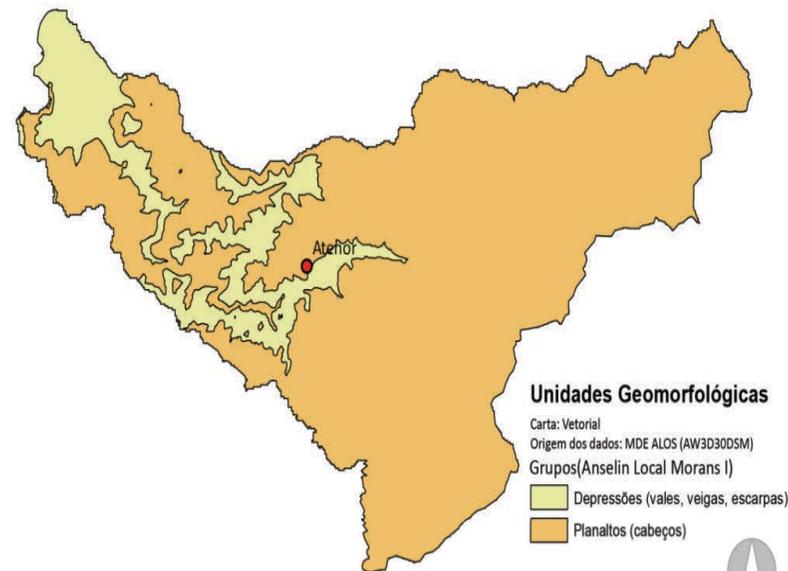
4

Evolução futura da Paisagem

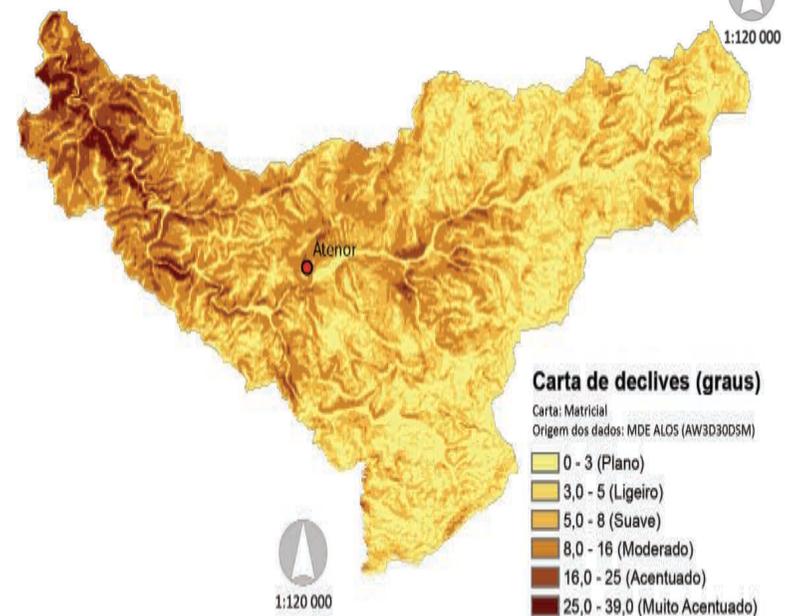


A aldeia de Atenor situa-se numa pequena encosta, voltada a sudeste e que aqui se pode claramente distinguir pela delimitação cartográfica entre Planalto e Depressão. A Depressão a sudeste de Atenor, é com efeito, algo contida e a aldeia surge à sombra de um cabeço, qual pequeno prolongamento do ainda Planalto, homogéneo a Este da pequena Depressão e que se heterogeneiza contrastantemente, para Oeste da aldeia.

Assim, é também bastante visível na carta de declives um progressivo acentuar do grau de declive, junto à linha de água que atravessa a Unidade de Estudo, na direção Este-Oeste. Mais uma vez, pode-se verificar a sudeste de Atenor um ligeiro aplanamento do terreno, o que corresponde à Depressão, atrás referida, junto à linha de água, que se torna mais meandrizada e sinuosa para Oeste da aldeia. Atenor, encontra-se portanto numa situação mediana, num cabeço com declives suaves e moderados, entre os declives mais planos e ligeiros do Planalto e os mais acentuados das Depressões a Oeste.

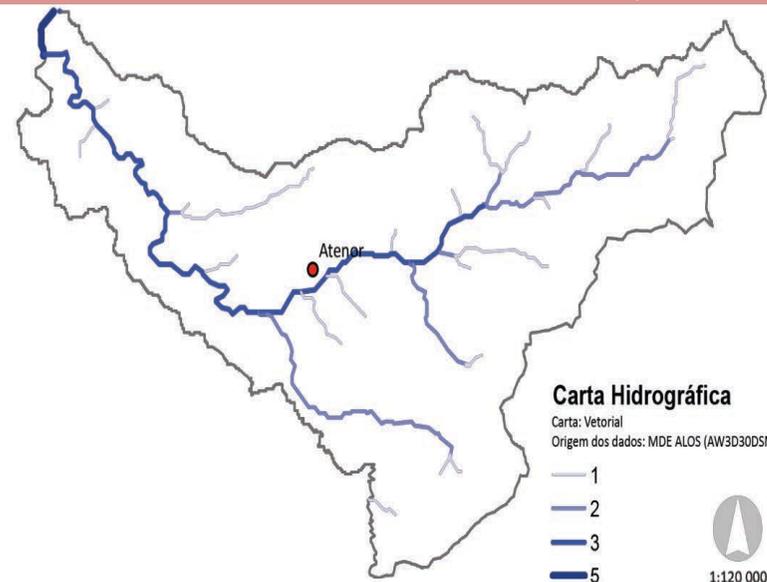


25



26

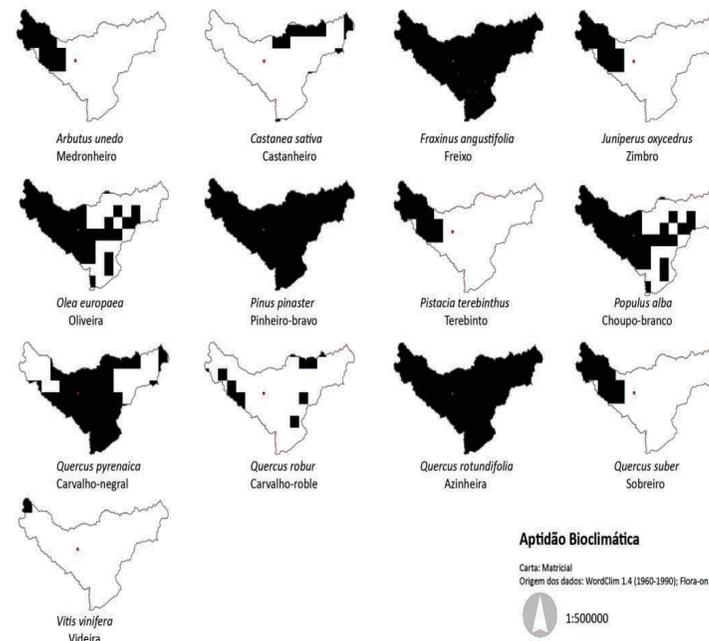
A Unidade de Estudo de Atenor compreende, grosso modo, os limites da bacia hidrográfica da Ribeira de Vale Palheiros (nível 3 da legenda), afluente do Rio Angueira (nível 5 da legenda). A Ribeira possui uma tendência de drenagem principalmente Oés-sudoeste, num leito relativamente suave e aberto, com muitas linhas de água afluentes, até pouco depois da veiga junto a Atenor, onde volta bruscamente para Noroeste, num vale muito mais sinuoso e com muito poucos afluentes até desaguar no Angueira.



27

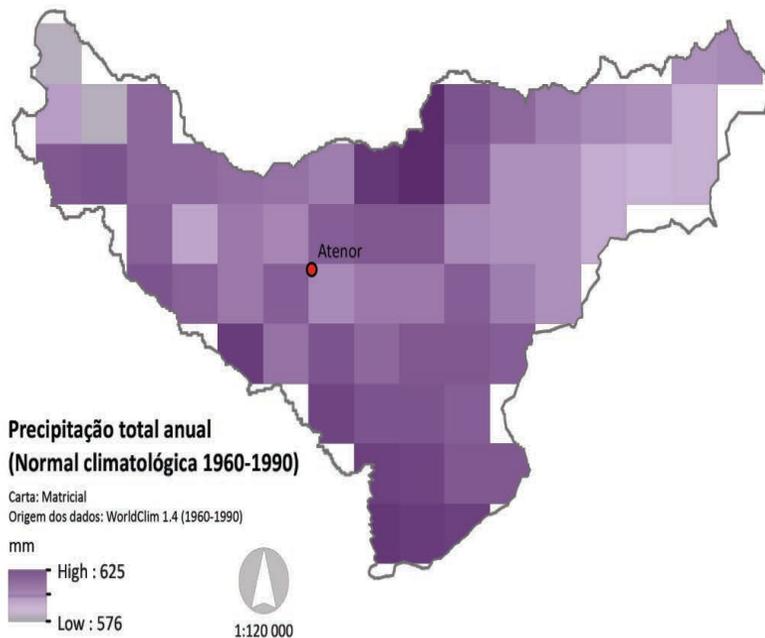
A área em redor de Atenor é bastante heterogénea, do ponto de vista da vegetação de vários tipos. Estando a maior parte dos terrenos imediatamente adjacentes à povoação bastante agricultados, em sistemas tradicionais de cultura, assiste-se a um crescendo de regeneração dos matos à medida que a distância à aldeia aumenta. Esta regeneração é facilitada pelas encostas algo íngremes e cujos solos promovem a instalação de vegetações semi-naturais e espontâneas na região, como o sobreiro (*Quercus suber*), a azinheira (*Quercus rotundifolia*), o medronheiro (*Arbutus unedo*) ou o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*).

Apesar de o território possuir uma aptidão bioclimática bastante boa para espécies como o freixo (*Fraxinus angustifolia*), o pinheiro (*Pinus pinaster*), e o choupo-branco (*Populus alba*), estas são muito pouco expressivas na paisagem.

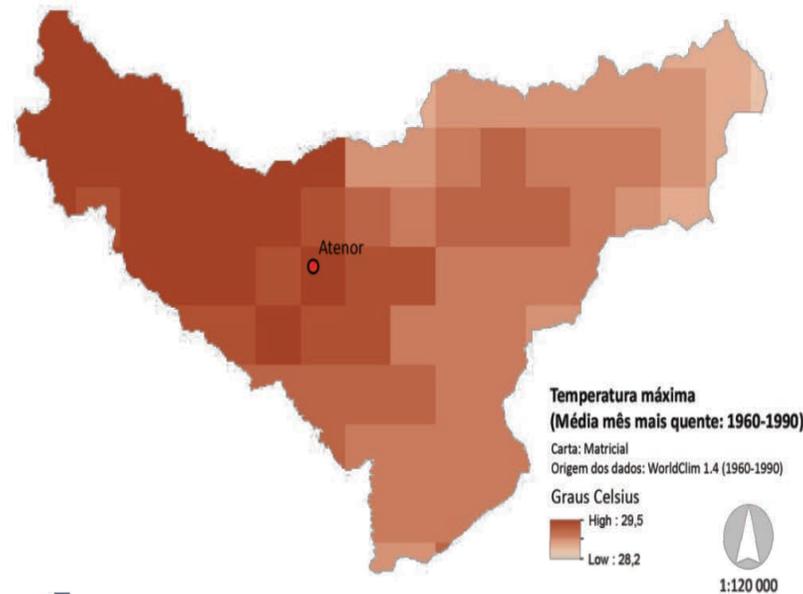


28

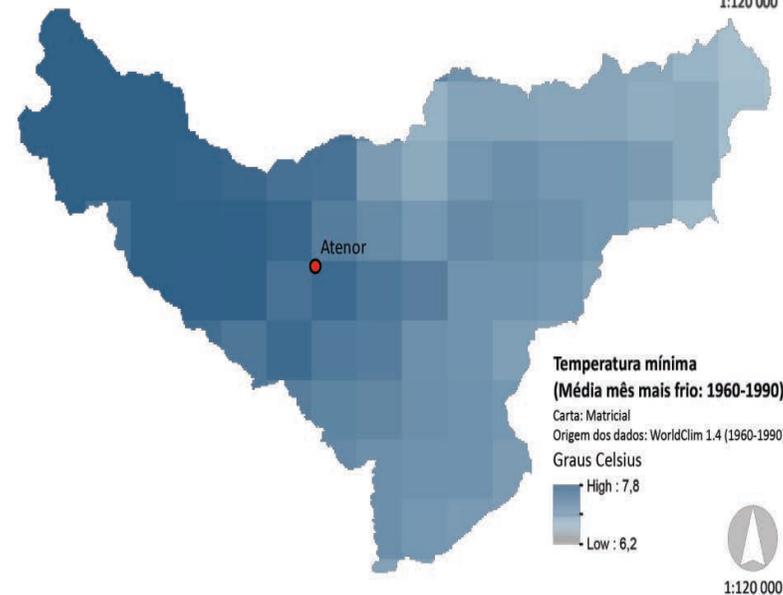
Sob a influência do Bioclima Mediterrânico pluviestacional oceânico, Atenor apresenta um clima relativamente moderado, com uma média de temperaturas máximas que se aproxima dos 30°, uma mínima que em média desce até aos 6° e uma precipitação anual que atinge em média 625mm.



29



30



31

ATENOR

1

Paisagem atual

2

Elementos naturais que constituem a Paisagem

3

Valores da Paisagem

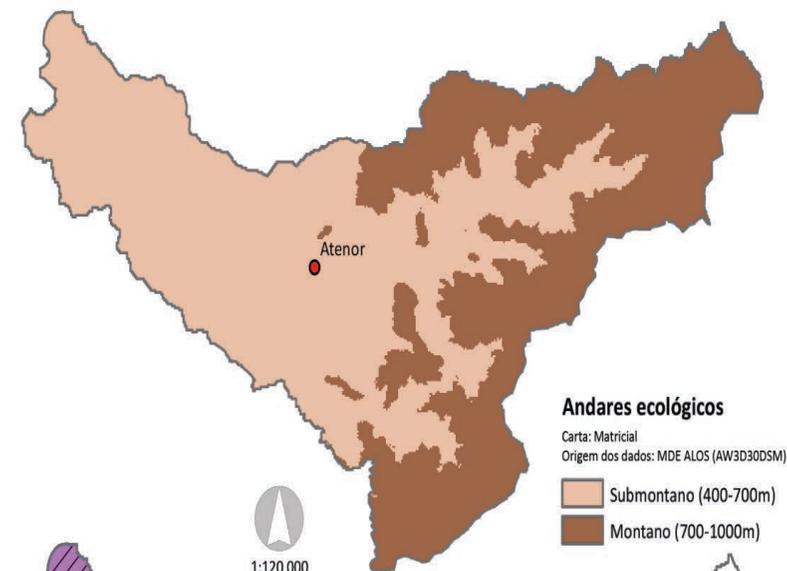
4

Evolução futura da Paisagem



Grande parte da Unidade encontra-se abrangida pelo andar ecológico Submontano, que segue o encaixe do vale da Ribeira de Vale Palheiros e diversas linhas de água afluentes. As zonas mais altas da Unidade correspondem ao andar ecológico Montano.

O núcleo populacional de Atenor não se encontra inserido em nenhuma área com interesse ecológico formalmente reconhecido no âmbito conservacionista. A Unidade abrange apenas pequenas franjas da zona poente do Parque Natural do Douro Internacional e uma pequena área da Zona Especial de Conservação dos Rios Sabor e Maçãs, assim como também a sua Zona Especial de Conservação e Áreas Importantes para Aves, ligeiramente maior. Estas últimas Zonas e Áreas correspondem à foz da Ribeira de Vale Palheiros no Rio Angueira.





34

A ocorrência de uma galeria ripícola bastante densa e a acompanhar Ribeira de Vale Palheiros, com bom caudal, a sul da aldeia, constitui um valor ecológico estruturante, articulando notavelmente o sistema agrícola tradicional junto à aldeia com as áreas em regeneração (Atenor, janeiro de 2018).



Valores culturais e patrimoniais do núcleo habitacional e envolvente de proximidade (1-1,5Km)

Carta: Vetorial

Origem dos dados: levantamento de campo

- Associação Recreativa e Campo de Jogos
- ⊕ Igreja Matriz de Atenor
- ⊕ Capela de Santo Cristo
- ⊕ Cemitério
- ▲ Exemplos peculiares de arquitetura vernacular
- ▲ Muro característico
- Fontanário
- Nora e mina de água
- Picanço
- Campos agrícolas
- Pombal
- Sobreiro notável
- ★ Vista geral sobre a bacia
- ★ Vista geral sobre serranias
- ★ Vista sobre campos e casas
- ★ Vista sobre vale da Ribeira de Vale Palheiros

Elementos de elevado interesse cénico

- ▨ Veiga de campos agrícolas



1:8 000

36



37



Associação Recreativa e campo de jogos. Igreja Matriz de Atenor (Atenor, janeiro de 2018).

38



40



39



41



Capela de Santo Cristo e exemplos peculiares de arquitetura vernacular (Atenor, janeiro e junho de 2018)

42



43

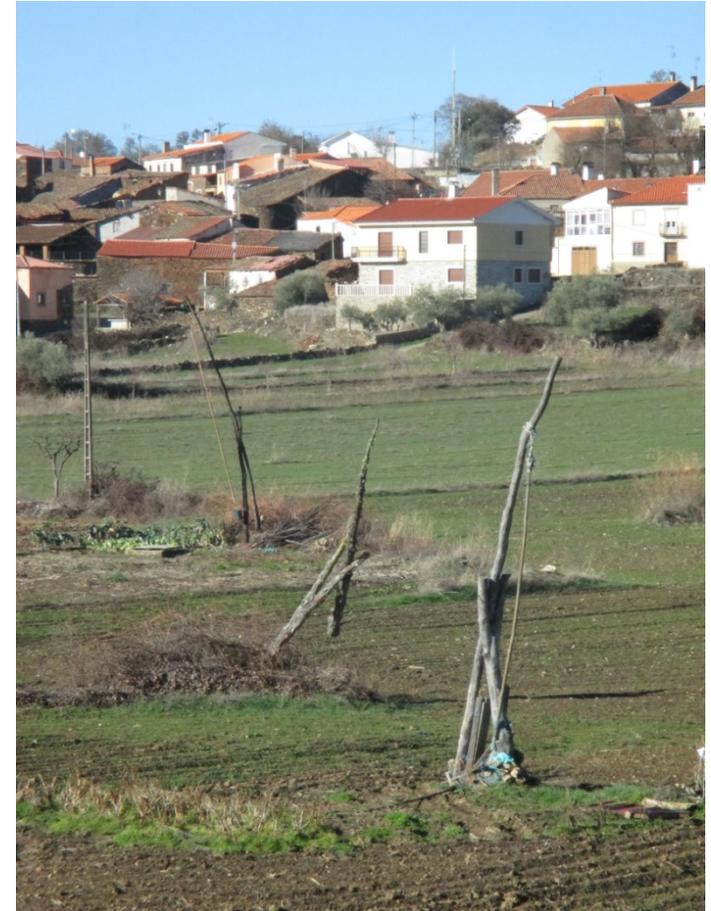


Muro característico de divisão de propriedade. Mina de água e Nora (Atenor, junho de 2018).

44



45



Picanços na veiga de campos agrícolas (Atenor, janeiro e junho de 2018).



Exemplos de alguns dos campos agrícolas (Atenor , junho de 2018).



Exemplos de alguns dos campos agrícolas . Exemplar de sobreiro notável (Atenor, junho de 2018).

51



52



53



54



55



Notável concentração de pombais à volta da aldeia (Atenor, janeiro e junho de 2018).



Oportunidades para miradouros com vistas gerais sobre a bacia e as serranias (Atenor, junho de 2018).



58



59



60



61

Diversas perspectivas dos campos e das casas (Atenor, junho de 2018).

62



63



Oportunidades para miradouros com vistas gerais sobre o vale da Ribeira de Vale Palheiros (Atenor, janeiro e junho de 2018).

ATENOR

1

Paisagem atual

2

Elementos naturais que constituem a Paisagem

3

Valores da Paisagem

4

Evolução futura da Paisagem



A Paisagem é sempre o resultado da ação humana sobre os elementos naturais. A sua evolução dependerá, portanto das opções que as comunidades locais fizerem ao nível socioeconómico e cultural, dependendo dos elementos que nela valorizam mais, de haver muita ou pouca população residente e da evolução climática.

Em 2011, residiam em Atenor 121 pessoas, o que representou uma variação negativa de 29,65% da população e de 8,94% de alojamentos, face a 2001. Assim, é o Plano Diretor Municipal de Miranda do Douro (2014), para os 10 anos seguintes, assume uma estratégia de “estabilização da população residente, com perdas menos significativas que as verificadas entre 2001 e 2011, e a manutenção do reforço da cidade”. No entanto, não sendo perspectivadas tendências de evolução demográfica pelo Plano e dada a ausência de propostas objetivas com incidência na aldeia no futuro (concretamente, apenas se propõe aumentar o solo urbano de Atenor em 0,57%), tudo leva a crer que a perda de população deste povoado não seja travada.

A evolução climática está dependente do comportamento humano passado e futuro na emissão de gases de efeito de estufa. As projeções traçadas para o futuro não são animadoras. Praticamente, em todos os cenários, é previsto um aumento significativo da temperatura média em todas as regiões de Portugal continental até ao fim do século XXI. A anomalia da temperatura média anual varia entre +0,5°C a 1,5°C (período 2011-2040), aumentando do litoral para o interior e de sul para norte. A anomalia aumenta substancialmente no período 2041-2070 (+1,5°C a 3°C) e agrava-se no período 2070-2100 com um aumento da temperatura média que pode atingir os 5°C no interior norte. Comparativamente, a incerteza do clima futuro em relação à precipitação é bastante maior. No entanto, na maioria dos cenários a precipitação em Portugal continental sofre uma redução, com anomalias em relação à média de 1961-90 a variarem entre -10% a -25% até 2040, agravando-se de norte para sul. O padrão dominante é o contraste norte-sul, com uma forte diminuição percentual no sul do país (ICNF, 2013). Costa et al. (2016), especifica que é expectável no período 2041-2060, apenas regiões muito residuais no centro e norte, correspondendo às áreas mais

altas, manterem um clima super-húmido, ao passo que o resto do país se tornará sub-húmido ou mesmo semi-árido, em especial, o interior alentejano e a costa sul algarvia.

Estas alterações previstas dos fatores climáticos tendenciarão o ótimo climático das espécies a deslocar-se no território. O impacto mais certo e efetivo será a redução das áreas de aptidão climática a sul do Rio Tejo e diversas regiões do centro interior de pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), eucalipto (*Eucalyptus spp.*) e sobreiro (*Quercus suber*). A área de distribuição potencial do Sobreiro tenderá a ser substituída pela azinheira ou formações arbustivas de matos temperados xerófitos. É também de prever que o interior norte ofereça cada vez melhores condições que favoreçam a distribuição potencial do sobreiro mas que por outro lado desfavoreçam as áreas de aptidão de carvalho-roble (*Quercus robur*) e carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) (ICNF, 2013).

Acontecendo a deslocação do ótimo climático destas espécies é de esperar que muitas outras sofram efeitos semelhantes, nomeadamente o castanheiro (*Castanea sativa*), cuja área já se expandiu acima dos 900m de altitude, mais 200m do que o limite há 40 anos, uma vez que a precipitação já é cada vez menor nas terras mais baixas e portanto cada vez menos rentável para produção de castanha; espécies altamente suscetíveis a períodos mais quentes e secos como a bétula (*Betula pubescens*), o pinheiro-silvestre (*Pinus sylvestris*), a tramazeira (*Sorbus aucuparia*) e o teixo (*Taxus baccata*) venham eventualmente a desaparecer ou de galeria ripícola, como o amieiro (*Alnus glutinosa*), sejam capazes de se manter em cada vez menos linhas de água, devido a períodos de seca mais prolongados.

Fraga et al (2013) prevê também que as alterações climáticas venham a potenciar o rendimento económico da cultura da vinha em diversas áreas de Trás-os-Montes, face a outras regiões de Portugal continental, mais expostas aos efeitos negativos destas alterações.

64



65



66



Num futuro que se antevê com uma população muito residual e envelhecida no povoado e alterações climáticas adversas à manutenção de regadios, a gestão da sua Paisagem deve assentar na manutenção dos valores culturais, patrimoniais, naturais e ecológicos desta Unidade, fazendo as transições e adaptações necessárias dos usos tradicionais desses valores para usos mais contemporâneos e de acordo com a realidade climática do momento. É no entanto de observar que se criam oportunidades para o maior rendimento económico da vinha ou do sobreiro.

No cenário futuro ideal, a veiga de campos agrícolas sofreria uma transição progressiva para culturas de sequeiro, mais resistentes à escassez de água e de acordo com as projeções de aptidão climática das espécies. Interessa do ponto de vista turístico e compreensão cultural manter a génese de parcelamento das propriedades nesta veiga, podendo optar-se por aproveitamentos mais massificados e homogéneos nas encostas em redor.

Assim, para esta Unidade (e em especial no entorno de maior proximidade da aldeia (1-1,5Km)) seria essencial priorizar:

- Na veiga, olivais, amendoais, cerejais, mantendo as canópias baixas e pouco intensivos (3m de altura no máximo e 5m de espaçamento das árvores no mínimo), vinha ou prados de sequeiro com cortes semestrais, em situações de abandono dos campos agrícolas e pastagens ou na sua falta de rentabilidade, derivado da escassez de água.
- Sempre que possível, manter/aproveitar/reabilitar os métodos de divisão das propriedades como muros tradicionais, linhas de pequenas árvores, arbustos semi-naturais ou vinhas.
- Nas encostas, vinhas em socalco e povoamentos florestais de pinheiro-manso e/ou sobreiro.
- Gestão eficiente dos matos com remoção do excesso de carga combustível.
- Valorização dos pombais, tirando partido da sua situação muitas vezes isolada para promover uma oferta turística de alojamento com envolvências semi-naturais.
- Promover o pedestrianismo nas encostas em volta da aldeia, tendo especial atenção na manutenção de trilhos e de vistas desimpedidas sobre a bacia em pontos de miradouro.
- Opções de gestão adaptativas e independentes da dinâmica populacional do território, favorecendo e integrando no entanto sempre que possível o envolvimento dos agentes e população locais.



É contudo, de admitir que esta bacia perca quase por completo o seu dinamismo económico, resultado do cada vez menor efetivo populacional nesta Paisagem. Dados os indicadores socioeconómicos e climáticos previstos para os próximos anos, esse é um cenário que tem de ser encarado como muito provável a tornar-se realidade. Os campos agrícolas da veiga, junto à linha de água, sujeitos ao abandono seriam os primeiros a, progressivamente serem substituídos por matos, primeiro subarbustivos de urzes, carquejas, estevas..., depois arbustivos sobretudo de giestas e carrascos, com alturas cada vez maiores e por fim matos de azinheiras, sobreiros e, provavelmente acompanhados de alguns carvalhos. Enquanto isso, as encostas sofreriam o mesmo processo de sucessão, mas de forma mais extensa no tempo e, muito dificilmente atingindo os níveis de densidade clímax da veiga.

Este seria um cenário com muito menor interesse para deleite visual dos valores culturais e patrimoniais identificados e acarreta maiores riscos de incêndios rurais. No entanto, cria uma oportunidade para um maior aproveitamento económico da biomassa dos matos.



Referências bibliográficas e webgráficas

Cancela d'Abreu, Alexandre; Pinto Correia, Teresa; Oliveira, Rosário. "Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental". Universidade de Évora, Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico. Edição de Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Coleção Estudos 10. Junho de 2004. Volume II, pps. 155, 156, 157, 158, 161, 162 e 163. ISBN 972-8569-28-9

Câmara Municipal de Miranda do Douro. "Plano Diretor Municipal de Miranda do Douro – Relatório". Gestão Integrada de Projetos e Planeamento. Outubro de 2014.

Costa, R. et al. Implications of future bioclimatic shifts on Portuguese forests. 19 de maio de 2016. Reg Environ Change (2017) 17:117–127. Springer-Verlag Berlin Heidelberg 2016. pps. 120, 123 e 124. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10113-016-0980-9>, acessado em 4 de janeiro de 2018

Fraga, H. et al. Very high resolution bioclimatic zoning of Portuguese wine regions: present and future scenarios. 6 de junho de 2013. Reg Environ Change (2014) 14:295–306. Springer-Verlag Berlin Heidelberg 2013. Pps. 299 e 300. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10113-013-0490-y>, acessado em 4 de janeiro de 2018

ICNF. Adaptação das florestas às alterações climáticas. 10 de janeiro de 2013. pps. 25, 26, 30, 31, 32, 60, 61, 101 e 102. Disponível em <http://www2.icnf.pt/portal/florestas/ppf/resource/docs/alt-clima/rel-florest-enaac>, acessado em 4 de janeiro de 2018

<http://www.agronegocios.eu/noticias/tras-os-montes-alteracoes-climaticas-afetam-producao-de-castanheiro/>, 12 outubro 2015. Acessado em 4 de janeiro de 2018

